

# O Design a partir do Sistema dos Objetos de Baudrillard

## *The Design from Baudrillard's System of Objects*

Marcos N. Beccari; pós-graduando em Mestrado em Design; Universidade Federal do Paraná;

[contato@marcosbeccari.com](mailto:contato@marcosbeccari.com)

**Resumo:** A proposta deste trabalho é apresentar, aos designers e pesquisadores da área, um (meta)acesso inicial à obra “O Sistema dos Objetos”, tese de doutorado de Jean Baudrillard (1968) sob a orientação de Roland Barthes (1915-1980). Por meio de uma revisão bibliográfica básica, procuramos encontrar o Design naquela irremediável região, trilhada por Baudrillard, onde as trocas simbólicas confundem-se com o andamento de todas as relações humanas. Para tanto, o autor e a obra selecionada são brevemente apresentados, aprofundando-nos em seguida nos conceitos de objeto funcional, objeto antigo, automatismo e consumo. Neste sentido, o Sistema dos Objetos é encarado mais como uma análise sobre o valor dos signos nas trocas humanas do que como uma análise dos objetos em si. Por fim, recorreremos a algumas das pesquisas sobre Baudrillard já desenvolvidas no campo do Design, encerrando pontualmente com nossa contribuição à temática vigente. Não se trata, pois, de uma simples resenha ou tampouco de uma análise crítica aprofundada – nosso intuito é apenas contemplar o Design sob a perspectiva de Baudrillard, especificamente em seu Sistema dos Objetos.

**Palavras-chave:** Design, Jean Baudrillard, O Sistema dos Objetos, trocas simbólicas.

*Abstract: The purpose of this paper is to present, to designers and researchers in the field, a initial (meta)access to the work “The System of Objects”, PhD thesis of Jean Baudrillard (1968) under the guidance of Roland Barthes (1915-1980). Through a basic literature review, we tried to find the Design in that irremediable region, traveled by Baudrillard, where the symbolic exchanges are confounded with the course of all human relationships. To this end, the author and the selected work are briefly presented, then delving into the concepts of functional object, old object, automation and consumption. In this sense, the system of objects is viewed more as an analysis of the value of signs in human exchanges rather than as an analysis of the objects themselves. Finally, we resorted to some of the researches on Baudrillard already developed in the field of Design, closing with our succinct contribution to the current theme. This is not, therefore, a simple review nor a detailed critical analysis - our intention is just to contemplate the Design from the perspective of Baudrillard, specifically in his System of Objects.*

**Keywords:** Design, Jean Baudrillard, The System of Objects, symbolic exchanges.

### **Introdução: Jean Baudrillard**

Jean Baudrillard pode ser considerado “a primeira sombra de dúvida ou negação em face da inexorabilidade racional e afirmativa do desenho industrial” (TAVARES *in* BAUDRILLARD, 2008, p. 230). Convém enfatizarmos de antemão que tal teórico e crítico social tornou-se mais conhecido por suas análises sobre os modos de mediação e

comunicação tecnológica. Sua obra, embora voltada predominantemente ao modo pelo qual os progressos tecnológicos afetam a sociedade, abrange os mais diversos assuntos – consumismo, relações de gênero, mitologia, cultura, psicologia, etc. Tal abrangência caracteriza uma geração de pensadores franceses que inclui Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard, Michel Foucault, Jacques Derrida e Jacques Lacan, o que justifica o fato de Baudrillard ser frequentemente visto como *pós-estruturalista* (Cf. TRIFONAS, 2001). Seguindo esta linha, Baudrillard construiu teorias gerais da sociedade humana com base em nossa busca ontológica por um sentido existencial, isto é, uma compreensão *total* do mundo, o qual permaneceria constantemente esquivando-se de nós (op. cit.). Em suas palavras:

Sou um dissidente da verdade. Não creio na ideia de discurso de verdade, de uma realidade única e inquestionável. Desenvolvo uma teoria irônica que tem por fim formular hipóteses. Estas podem ajudar a revelar aspectos impensáveis. Procuo refletir por caminhos oblíquos. Lanço mão de fragmentos, não de textos unificados por uma lógica rigorosa. Nesse raciocínio, o paradoxo é mais importante que o discurso linear. Para simplificar, examino a vida que acontece no momento, como um fotógrafo. (BAUDRILLARD in GIRON, 2003, p. 1).

## **O Sistema dos Objetos**

Nossa revisão contemplará apenas aquela que é considerada a *magnum opus* de Baudrillard (2008): “O Sistema dos Objetos”. Com a intenção de sistematizar o discurso que os objetos de design manifestam ao serem consumidos – aquilo que escapa de essencial ao designer e que, nos objetos, adquire (simbolicamente) *vida própria* –, esta obra apresenta um conjunto de reflexões sobre o caráter *simbólico* dos objetos como sendo um nível que transcende ao *funcional*. Em linhas gerais, parte-se do pressuposto de que os objetos de Design estão ligados de forma direta ao homem e são portadores de significados que *mediam* as relações humanas. “...hoje os objetos tornaram-se mais complexos que o comportamento do homem a eles relativo” (BAUDRILLARD, 2008, p. 62). A partir disso, Baudrillard sugere que os objetos passam continuamente do enfoque funcional para o simbólico dentro de um determinado sistema cultural. Afirmar ainda que os objetos possuem significados imanescentes e que o próprio adjetivo “funcional” não está ligado apenas à finalidade prática dos objetos, mas também à sua capacidade de fazer parte de um jogo de relações. “Somos continuamente remetidos, por meio do discurso psicológico sobre o objeto, a um nível mais coerente, sem relação com o discurso individual ou coletivo, e que seria aquele de uma *língua* dos objetos” (op. cit., p. 11). Por esta razão, o objeto somente é funcional quando consegue interagir dentro de um determinado sistema, adquirindo assim uma capacidade de *significar*. “É a partir dessa língua, dessa coerência (...), que se pode compreender o que ocorre com os objetos” (op. cit.).

Embora o termo “sistema” carregue consigo uma ideia de dimensão fechada, independente, de imanência e de autonomia (com relação a um determinado campo de estudo), neste caso “sistema” se refere às relações entre os objetos marcadas pela dinâmica do consumo, não se resumindo portanto aos objetos ou mesmo ao aspecto *objetivo* dos objetos. Isso porque, para o filósofo, o significado é obtido através de sistemas de signos trabalhando juntos – na esteira do linguista estruturalista Ferdinand de Saussure, Baudrillard argumenta que o significado (*valor*) é criado pela *diferença* (*cão* significa *cão* porque não é *gato, cabra, árvore*, etc.). Deste modo, por mais que o autor adote o *estruturalismo* como perspectiva teórica no intuito de garantir o rigor de seu pretendido sistema, ele reconhece o risco de cair em uma *análise forçada*, na qual o foco de estudo passe de *motivo* a mero *pretexto* frente ao instrumental adotado. “É esta perturbação, (...) e como tal contradição faz surgir um sistema de significações que se aplica em resolvê-la, que nos interessa aqui, e não os modelos tecnológicos” (op. cit., p. 14). Isso porque há uma nítida preocupação com o *nível conotativo*, ou mesmo *inconsciente*, que sinaliza uma dimensão maior e de organização simbólica: “além de um certo tamanho, qualquer objeto, mesmo o fálico de uso (carro, foguete) torna-se receptáculo, vaso, útero – aquém, faz-se peniano (mesmo se for vaso ou bibelô)” (op. cit., p. 33). Tangenciando, com isso, as camadas *subterrâneas* da Psicanálise, Baudrillard critica a obsessão contemporânea pela *funcionalidade*:

O homem é reduzido à incoerência pela coerência de sua projeção estrutural. Em face do objeto funcional o homem torna-se disfuncional, irracional e subjetivo, uma forma vazia e aberta então aos mitos funcionais, às projeções fantasmagóricas ligadas a esta estupefaciente eficiência do mundo (op. cit., p. 63).

## **O objeto funcional**

Logo na primeira parte do livro *O Sistema dos Objetos*, o autor propõe uma revisão da noção de *objeto funcional* amplamente divulgada pela Bauhaus, a saber, da perfeita correspondência entre forma e função. Encarando a própria “função” como um *mito* emancipado do homem e do objeto – “O objeto funcional é ausência de ser” (op. cit., p. 89) –, Baudrillard conclui que o homem contemporâneo, ao invés de manipular objetos, está sendo por eles manipulados: “os objetos não estão mais cercados por um teatro de gestos do qual vinham a ser os papéis, (...) [mas] se tornaram quase os atores de um processo global do qual o homem é simplesmente o papel ou o espectador” (op. cit., p. 62). Neste ínterim, Tavares nos *cutuca* em seu posfácio dizendo que uma *pitada* de Baudrillard não faria mal aos atuais designers:

Liquidaria sem dúvida com parte de sua candura ao permitir que fossem reavaliadas as *necessidades* do usuário e melhor compreendida a sua eventual reação aos modelos por eles propostos, à sua enxuta, cirúrgica e drástica

*catequese* em prol da *boa forma* (TAVARES in BAUDRILLARD, 2008, p. 221).

Prosseguindo em seu ataque contra o *puritanismo industrial* e o ideal do *mais legível*, Baudrillard contrapõe a coexistência do espírito *art-nouveau* dos objetos antigos (revestidos de *sempre*) com o sonho emergente do automatismo (a desumanização do homem). A importância dos objetos antigos se dá justamente na medida em que contradizem o raciocínio *funcional* para cumprirem um propósito de outra ordem: a sobrevivência do tradicional e do simbólico através do testemunho, da lembrança, da nostalgia e da evasão. E por também dividirem espaço no cenário moderno, revelam um duplo sentido da modernidade: “a funcionalidade dos objetos modernos torna-se historicidade do objeto antigo” (BAUDRILLARD, 2008, p. 82), sendo que “a historicidade é (...) a recusa da história por detrás da exaltação dos signos – a presença negada da história” (op. cit.). Os signos que os objetos antigos ostentam podem ser entendidos como indícios culturais do tempo, ainda que sejam indícios alegóricos, configurando uma contradição funcional que, de certo modo, acaba se integrando na lógica do sistema. Com um *ar de estar sobrando*, o objeto antigo também não é meramente decorativo: “não servindo para nada, serve profundamente para qualquer coisa” (op. cit., p. 83) – é vivido assim de outra maneira, como presença autêntica, isto é, com uma menor dependência para com outros objetos e expressando-se como totalidade.

A exigência à qual respondem os objetos antigos é aquela de um ser definitivo, completo. O tempo do objeto mitológico é o perfeito: ocorre no presente como se tivesse ocorrido outrora e por isso mesmo acha-se fundado sobre si (op. cit.).

## **O objeto antigo**

Para Baudrillard, o homem não se sente *em casa* no meio funcional, justificando assim a presença necessária do objeto antigo como um *reorganizador* do mundo e, simultaneamente, um *álibi* que preserva o foro íntimo daquele que o possui. Enquanto o objeto funcional refere-se à atualidade e se esgota na cotidianidade, o objeto antigo aparece (tanto ao nível dos objetos quanto dos comportamentos e das estruturas sociais) como uma dimensão regressiva que, embora testemunhe um relativo fracasso do sistema, paradoxalmente o faz funcionar.

Essa ambiguidade se deve à densidade *inconsciente* do objeto antigo, atuando como um *talismã* que guarda consigo, de modo selado e seguro, a sabedoria dos *anciãos*. “Assim o passado inteiro como repertório de formas de consumo junta-se ao repertório das formas atuais a fim de construir como que uma esfera transcendente” (op. cit., p. 92). Seguindo este raciocínio, Baudrillard nos revela que os objetos em geral atuam como um *espelho perfeito* já que não emitem imagens reais, mas aquelas por nós

desejadas. “Eis por que os objetos são investidos de tudo aquilo que não pôde sê-lo na relação humana” (op. cit., p. 98). Adquirindo então um papel regulador na vida cotidiana, os objetos manifestam uma “alma” que garante uma integração recíproca do objeto e da pessoa – possuímos, consumimos e colecionamos sempre a nós mesmos. Contudo, a *ausência* dos objetos também desempenha um papel fundamental nessa “alma” dos objetos e, por conseguinte, em sua integração psicológica com os indivíduos: “enquanto a presença do objeto final significaria no fundo a morte do indivíduo, a ausência deste termo lhe permite apenas desempenhar sua própria morte figurando-a em um objeto, vale dizer, conjurando-a” (op. cit., p. 100). Deste modo, a relação entre o objeto e o tempo se dá pelo interminável reinício de um ciclo dirigido onde o homem se entrega a cada instante ao jogo do nascimento e da morte, ultrapassando “assim simbolicamente esta existência real cujo acontecimento irreversível lhe escapa” (op. cit., p. 105).

## **O automatismo**

No extremo oposto dos objetos antigos, Baudrillard encara o *automatismo* como sendo o “conceito maior do triunfalismo mecanicista e ideal mitológico do objeto moderno. O automatismo é o objeto ao tomar uma conotação absoluta na sua função particular” (op. cit., p. 117-118). Embora represente o sonho de um mundo dominado tecnicamente a serviço de uma humanidade inerte, o automatismo implica uma restrição funcional dos objetos. Enquanto um objeto não é automatizado, é suscetível de reparo e de superação pelo acréscimo de outras funções. Caso se torne automático, sua função se torna exclusiva em um fechamento que, por sua vez, se extingue com a redundância funcional. Após exemplificar tal redundância com os *gadgets* (aberração funcional), os *machins* (pseudo-funcionalidade) e os robôs (meta-funcionalidade), Baudrillard encontra o exemplo-limite com a ideia de uma máquina capaz de fabricar outra idêntica. Trata-se de uma reduplicação automática absurda e inútil já que não haveria outra função além da reprodução, sendo tal cissiparidade aquilo que anula o sentido dessa única função. Apesar disso, o automatismo representa o desejo fundamental de que “tudo ande por si só”, como uma verdade *esotérica* e imaginária do objeto. Refere-se, pois, a uma semelhança com o indivíduo humano autônomo que, por sua vez, é fascinado por si mesmo, não em uma imagem literal, mas no que diz respeito a uma consciência autônoma, um poder de controle, uma individualidade própria.

...a aspiração por automatismo precede a prática objetiva. E se está tão profundamente encravada que seu mito de perfeição formal se opõe como obstáculo quase material a uma estruturação aberta de técnicas e necessidades, é que se acha encravada nos objetos como nossa própria imagem (op. cit., p. 119-120).

Logo, o automatismo configura, ao mesmo tempo, uma espécie de *transcendência* da função e a sonhada personalização humana ao nível do objeto. “É a síntese entre a funcionalidade absoluta e o absoluto antropomorfismo” (op. cit., p. 128). Trata-se, por conseguinte, de um paradoxo: por mais que os objetos automáticos se apresentem como tranquilizadores, como fatores de equilíbrio, são motivos constantes de decepção<sup>1</sup>. A incapacidade de atingirem a prometida função de *agirem por si mesmos* traz à tona dois aspectos concorrentes a tal disfuncionalidade (ou a contrafinalidade do objeto): “um sistema socioeconômico de produção, um sistema psicológico de projeção” (op. cit., p. 132). No entanto, essa concorrência é diluída na estruturação social que, para Baudrillard, estagna-se moralmente sob a máscara de um *avanço técnico* – o único valor que justifica, em última análise, as atuais contradições sociais. “A sociedade tecnicista vive de um mito tenaz: aquele do avanço ininterrupto das técnicas e do *atraso* moral dos homens em relação a elas” (op. cit.), sendo este mito definido por “uma convergência ideal da técnica, da produção e do consumo [que] mascara todas as contrafinalidades políticas e econômicas” (op. cit.). Isso leva o autor a deduzir que “há um *câncer* do objeto: (...) é com estes elementos inestruturais (automatismo, acessórios, diferenças inessenciais) que se organiza todo o circuito social da moda e do consumo dirigido” (op. cit., p. 133).

### Consumo e a “frustração” projetual

Dando procedência a tal conjectura, na terceira e última parte do livro os objetos são analisados no âmbito econômico e sociocultural. A ideia geral de Baudrillard é que a *imagem* tem se tornado cada vez mais virtual – pouco importa o meio de produção – na medida em que ela é uma encenação da ficção como *outra ficção* em que a imagem só remete a si própria. A imagem absorve e reifica aquilo a que se refere, tornando-se mais real do que o próprio real – portanto *hiper-real*. Eis aquilo que caracteriza o *simulacro*<sup>2</sup> em Baudrillard: não apenas a questão da auto-referencialidade, mas seu poder desconcertante de fazer do real a sua *sombra*. Apesar da aparente tendência à democratização do consumo com a ilusória extinção da noção de *objeto único* (como um produto artesanal, por exemplo), a crescente diferença entre *modelo* e *série*, vivida principalmente no imaginário do consumidor (com a publicidade), seria para Baudrillard aquilo que estabelece as distinções contemporâneas entre classes sociais. Se o objeto *em série* é comprado mas é consumido como se fosse *único*, a publicidade acaba atuando como *modelo*, isto é, um terceiro fator autônomo: a promessa da

---

<sup>1</sup> Baudrillard nos alerta para a ambiguidade dos objetos no que se refere à satisfação e à decepção: o inconsciente dos objetos (que seríamos nós) acarreta neles a fragilidade e a efemeridade humana. “...a infalibilidade [dos objetos] termina sempre por [nos] provocar angústia” (BAUDRILLARD, 2008, p. 140). Esta ambiguidade “impede nossa segurança, mas materializa também a objeção contínua que fazemos a nós mesmos e que também exige satisfação” (op. cit.).

<sup>2</sup> As noções de simulacro e hiper-realidade são aprofundadas pelo autor posteriormente em “Simulacros e Simulações” (BAUDRILLARD, 1991).

*significação*. Noutras palavras, eu não quero comprar isto, mas acredito na publicidade que me faz querer comprar isto. O consumo, pois, é somente uma forma de *compensação* que nada mais tem a ver (diretamente) com a satisfação de necessidades ou mesmo com o princípio material da realidade. O que se consome, na verdade, não é o objeto em si, mas uma *imagem*, isto é, uma ideia insaciável que provém do imaginário coletivo. Portanto, embora o consumo seja *ativo* (e não *passivo*), no sentido de *intencional*, não se realiza como *fato*, mas como uma ausência, falta ou repressão de um fato.

É da frustrada exigência por totalidade residente no fundo do projeto que surge o processo sistemático e indefinido do consumo. Os objetos/signos na sua idealidade equivalem-se e podem se multiplicar ao infinito: *devem* fazê-lo para preencher a todo instante uma realidade ausente. Finalmente é porque se funda sobre uma *ausência* que o consumo vem a ser irreprimível (op. cit., p. 211).

Esta *frustração* do projeto, e portanto do Design, se refere ao seu *dever* de satisfazer as necessidades humanas que, ao invés de serem saciadas, desejam consumir cada vez mais. Então o consumo se torna irreprimível já que constitui uma prática idealista que não está mais relacionada diretamente com a satisfação de necessidades e nem mesmo com o princípio de realidade. O projeto, embora frustrado, ainda acaba sendo subentendido no objeto ao realizar-se enquanto *imagem*, fazendo do objeto “aquilo no qual o projeto se *resigna*” (op. cit., p. 210). Trata-se aqui de uma *dinâmica existencial* que rege o consumo de objetos/signos, isto é, um jogo de *imagens* que ultrapassam e ao mesmo tempo reiteram aquilo que o projeto, que as precedem, se propõe: dar um sentido à vida. “O próprio projeto de viver, fragmentado, frustrado, significado, é retomado e abolido nos objetos sucessivos” (op. cit., p. 211). Este ciclo implícito de nascimento e morte (o qual define, como já mencionamos, a relação entre o objeto e o tempo) seria, a nível simbólico, aquilo que impede a existência de limites ao consumo. Sendo assim, Baudrillard conclui que qualquer tentativa de *moderar* o consumo ou de estabelecer uma grade de necessidades apta a normatizá-lo não escapará de um moralismo ingênuo ou absurdo que, na medida em que se mostra coerente, passa a ser imediatamente também consumível.

### **Considerações Finais: o Design e as trocas simbólicas**

Em resumo, podemos listar alguns termos-chaves para compreendermos melhor o *Sistema dos Objetos* de Baudrillard: *funcionalidade* não é mais o que se adapta a um fim, mas aquilo que se adapta a uma ordem ou sistema; *historicidade* do objeto antigo é a presença negada e inconsciente da história por trás da exaltação dos signos; *automatismo* é apenas a verdade imaginária do objeto, um delírio no qual o objeto é tomado inteiramente pelo imaginário; *consumo* é um desvio totalmente idealista que

coloca uma *imagem* entre nós e os objetos. Além disso, é importante entendermos os *subsistemas* construídos por Baudrillard como *camadas*, isto é, coerentes em si mesmos mas não necessariamente coerentes em nível sistêmico. Exemplo de tais *subsistemas* é o modo pelo qual o objeto adquire valor em um sistema de consumo: o primeiro é o *valor funcional*, relativo à sua finalidade; o segundo é o *valor de troca*, dentro de um sistema econômico; o terceiro é o *valor simbólico* ou subjetivo, isto é, o valor que um indivíduo atribui a um objeto; por fim, o quarto é o *valor de signo*, que se refere ao valor obtido em um sistema intersubjetivo (BAUDRILLARD, 2008). Mas esta lógica acaba se tornando imprecisa quando o autor argumenta que os dois primeiros valores não são apenas associados, mas também *interrompidos* pelo terceiro e, em particular, pelo quarto. Isso porque a *camisa-de-força* do modelo linguístico-estruturalista está visivelmente afrouxada em Baudrillard, isto é, há implicitamente uma postura fenomenológica na medida em que sua articulação de ideias permite a livre proliferação de elementos para fora da área focalizada (TAVARES *in* BAUDRILLARD, 2008). Se por um lado o autor procura descrever e classificar as coisas de modo rigorosamente estrutural, por outro, pretende relacionar e incorporar tudo de modo diluído na *essência* do sistema. Portanto, tal qual uma *redução fenomenológica* que na verdade não reduz nada (ao contrário, flexibiliza e amplia), Baudrillard nos surpreende ao deixar demasiado aberta a seguinte questão: “podem os objetos constituir outra linguagem além daquela [a comunicação humana]? Pode o homem por meio deles constituir outra linguagem além de um discurso a si mesmo?” (BAUDRILLARD, 2008, p. 113).

Necessário ainda apontarmos algumas considerações a respeito da obra que revisamos até então. Embora o seu foco principal seja o consumo – apresentado como um subsistema que estaria agindo por detrás de todo o sistema –, optamos por traçar apenas aquilo que condiz à sua relação *direta* com o Design, haja vista a amplitude conceitual que o tema pressupõe. À parte disso, destacamos ainda que, por se tratar de uma obra publicada na França em 1968, muitos acabam associando essa abordagem sobre o consumo à perspectiva política *marxista* vigente naquele contexto. Para Baudrillard, no entanto, seria o consumo (ao invés de produção) o principal motor da sociedade capitalista. Isso se torna claro quando o autor expõe o seu ponto de vista sobre o pensamento econômico de Marx e Adam Smith, argumentando que ambos aceitavam a ideia de necessidades inatas que justificam, de modo ingênuo e simplista, a noção da *mais-valia*. Recorrendo a Georges Bataille, Baudrillard (1975) contraria esta ideia defendendo que as necessidades são construídas (mas não são inatas): se os objetos sempre *dizem algo* sobre seus consumidores, as necessidades são moldadas socialmente através do *fetichismo*<sup>3</sup>. Por isso o consumo foi e continua sendo mais importante do que a produção – a construção ideológica das necessidades precede a produção de bens que buscam satisfazer essas necessidades. E como os *objetos únicos* deixaram de ter um valor *per se*, os signos vieram a substituir tal singularidade, prevalecendo sobre todos os níveis valor. O *sistema dos objetos*, portanto, é mais uma

---

<sup>3</sup> Cf. BAUDRILLARD, 1993.



análise sobre o valor dos *signos* nas trocas humanas do que dos *objetos* em si, valor este que estaria criando novas estruturas que já ultrapassam, *silenciosamente*, qualquer conhecimento atual. Em entrevista à revista *Época*, Baudrillard esclarece este *silêncio* dos signos na seguinte questão:

ÉPOCA - A disseminação de signos a despeito dos objetos pode conduzir a civilização à renúncia do saber?

Baudrillard - Alguma coisa se perdeu no meio da história humana recente. O relativismo dos signos resultou em uma espécie de catástrofe simbólica. Amargamos hoje a morte da crítica e das categorias racionais. O pior é que não estamos preparados para enfrentar a nova situação. É necessário construir um pensamento que se organize por deslocamentos, um anti-sistema paradoxal e radicalmente reflexivo que dê conta do mundo sem preconceitos e sem nostalgia da verdade. A questão agora é como podemos ser humanos perante a ascensão incontrolável da tecnologia (GIRON, 2003, p. 2).

Não obstante, Baudrillard é frequentemente criticado ou mesmo ignorado no campo da Filosofia. Isso geralmente se deve ao argumento de que a postura do autor o coloca em oposição a si próprio (neste caso, a noção das *trocas simbólicas* em oposição ao método estruturalista), crítica esta também atribuída a outros pensadores enquadrados no *pós-estruturalismo*, como Michel Foucault e Gilles Deleuze. Contudo, o legado de Baudrillard é amplamente estudado e discutido no campo da Comunicação. No contexto nacional, destacam-se as produções do Dr. Juremir Machado da Silva, sócio fundador e membro do Conselho Científico da ABCiber (Associação Brasileira dos Pesquisadores em Cibercultura), além da já mencionada escritora Zulmira Ribeiro Tavares (tradutora de *O Sistema dos Objetos*), integrante do conselho da Cinemateca Brasileira. Especificamente no campo do Design, entretanto, não encontramos nenhuma pesquisa estritamente focada na obra de Baudrillard, ainda que o autor seja mencionado em diversas publicações. Em Filho (2007), por exemplo, compreendemos que o Design é encarado por Baudrillard como sendo a imposição dos modelos que estruturam o valor dos signos, caracterizando-se assim pela redução e racionalização de elementos em signos. Moura (2005, p. 77) amplia esta concepção ao comentar que, na perspectiva de Baudrillard, “tudo pertence ao design, tudo é do seu pelouro, quer ele o assuma quer não”. Por sua vez, Roldo et. al. (2009) considera que, se o ser humano é objeto de manipulação emocional através dos signos (tal como descreve Baudrillard), o designer pode ser encarado como *mediador* entre as necessidades e os desejos das pessoas. Por fim, uma abordagem diferenciada é explorada por Ono (2009) que, ao recorrer às definições de Baudrillard para definir o consumo enquanto manipulação sistemática de signos, destaca a importância do Design como agente promotor de mudanças na cultura do consumo.

Frente a tantas considerações, nossa breve contribuição com este trabalho reside em encarar o Design, entre a fugacidade dos signos e o valor enquanto sentido que o consumo constitui, como sendo uma *mediação* permanente entre o homem e aquilo que ele espera do mundo, isto é, um dinamismo instaurador em busca de sentido. Por outras

palavras, o Design precipita-se a totalidade das relações humanas através de seu papel nas trocas simbólicas – uma mediação simbólica.

### Referências Bibliográficas:

- BAUDRILLARD, J. *The Mirror of Production*. Trans. Mark Poster. New York: Telos Press, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Symbolic Exchange and Death*. London: Sage, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O Sistema dos Objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FILHO, C. S. D. Design numa perspectiva cultural. In: *Anais do III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador: Faculdade de Comunicação/UFBA, maio de 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/ClovisdosSantosDiasFilho.pdf>>. Acesso em 10 mar. 2011.
- GIRON, L. A. “Jean Baudrillard: a verdade oblíqua”. In: *Revista Época*, n. 264. São Paulo: ed. Globo, 07 jun. 2003. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI37985-15220,00-A+VERDADE+OBLIQUA.html>>. Acesso em 19 mar. 2011.
- MOURA, C. O design do design. In: *Anais eletrônicos do 4º SOPCOM*, 2005. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-designio-design.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/moura-catarina-designio-design.pdf)>. Acessado em: 16 de março de 2011.
- ONO, M. M. Desafios do design na mudança da cultura de consumo. In: *Anais do 1º Simpósio Paranaense de Design Sustentável (I SPDS)*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009, p. 87-91. Disponível em: <<http://www.design.ufpr.br/spds/anais.pdf#page=89>>. Acessado em: 16 de março de 2011.
- ROLDO, L.; KINDLEIN JÚNIOR, W.; ROSA, V. S. da. Design & Emoção: A Mediação do Designer na Interpretação das Necessidades e dos Desejos das Pessoas. In: *Anais do V CIPED - Congresso Internacional de Pesquisa em Design*. Bauru: Bauru: FAAC – UNESP, 10-12 out. 2009, pp. 1541-1548.
- TRIFONAS, P. P. *Barthes and the Empire of Signs*. London: Icon Books, 2001.